

# O FUTURO DA FILOSOFIA\*

John R. Searle

[ Filosofia e Ciência ]

Porque este artigo dirige-se a uma audiência predominantemente científica, começarei explicando algumas das semelhanças e diferenças entre ciência e filosofia. Não há uma linha divisória precisa entre as duas. Ambas são, em princípio, universais quanto ao assunto, e ambas almejam a verdade. Entretanto, ainda que não haja uma linha divisória precisa, há diferenças importantes no método, estilo e pressuposições. Problemas filosóficos tendem a ter três características relacionadas que problemas científicos não têm. Primeiro, a filosofia está ocupada em grande medida com questões para as quais nós ainda não encontramos um modo sistemático e satisfatório de responder. Segundo, questões filosóficas tendem a ser o que chamarei aqui de questões “estruturais”; isto é, elas tendem a lidar com grandes estruturas de fenômenos, antes que com questões individuais específicas. E terceiro, questões filosóficas são tipicamente sobre problemas conceituais; são frequentemente questões sobre nossos conceitos e a relação entre nossos conceitos e o mundo que eles representam.

Essas diferenças tornar-se-ão claras se considerarmos exemplos concretos: a questão “Qual é a causa do câncer?” é uma questão científica, e não filosófica. A questão “Qual é a natureza da causalidade?” é uma questão filosófica, e não científica. De modo semelhante, a questão “Quantos neurotransmissores existem?” é uma questão científica, e não filosófica; mas a questão “Qual é a relação entre mente e corpo?” é, ainda, em grande medida uma questão filosófica. Em todo caso, as questões filosóficas não são decidíveis pela simples aplicação de métodos, sejam eles experimentais ou matemáticos; elas são a respeito de grandes estruturas e envolvem problemas conceituais. Às vezes, os principais avanços científicos são contribuições para ambas, ciência e filosofia, porque envolvem mudanças estruturais e revisão de conceitos. A teoria da relatividade de Einstein é um exemplo óbvio do século

\* Tradução por Marcelo Fischborn da primeira parte do artigo original “The Future of Philosophy” (1999) escrito para o *Millenium Proceedings of the Royal Society*, disponível em <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>>. A presente tradução foi autorizada pelo autor e disponibilizada originalmente no blog <http://fischborn.wordpress.com> (a reprodução é permitida desde que mantida esta nota). Revisado pela última vez em 25 de Abril de 2010.

vinte.

Porque a filosofia lida com questões estruturais e com questões que não sabemos como responder sistematicamente, ela tende a estar numa relação peculiar com as ciências naturais. Tão logo possamos revisar e formular uma questão filosófica a ponto de conseguir encontrar um modo sistemático de respondê-la, ela deixa de ser filosófica e torna-se científica. Algo muito parecido com isso aconteceu com o problema da vida. Uma vez foi considerado um problema filosófico como a matéria “inerte” poderia tornar-se “viva”. Na medida em que chegamos a entender os mecanismos moleculares e biológicos da vida, essa deixou de ser uma questão filosófica e tornou-se questão de fato científico estabelecido. É difícil para nós hoje recuperar a intensidade com que essa questão foi uma vez debatida. O ponto não é que os mecanicistas venceram e os vitalistas perderam, mas que passamos a ter um conceito muito mais rico dos mecanismos biológicos da vida e da hereditariedade. Eu tenho esperança que algo semelhante acontecerá com o problema da consciência e sua relação com os processos cerebrais. Como o descrevo, ele é ainda tratado por muitos como uma questão filosófica, mas acredito que com o progresso recente na neurobiologia, e com a crítica filosófica das categorias tradicionais do mental e do físico, estejamos chegando perto de ser capazes de encontrar um modo científico sistemático de responder essa questão. Em tal caso, como o problema da vida, ele deixará de ser “filosófico” e se tornará “científico”. Essas características das questões filosóficas, que elas tendem a ser questões estruturais e não se prestar à pesquisa empírica sistemática, explicam por que a ciência está sempre “certa” e a filosofia sempre “errada”. Tão logo encontramos um modo sistemático de responder uma questão, e chegamos a uma resposta que todos os investigadores competentes na área possam concordar que é a resposta correta, paramos de chamá-la “filosófica” e começamos a chamá-la “científica”. Essas diferenças não têm o resultado de que em filosofia qualquer coisa vale, que alguém pode dizer qualquer coisa e fazer qualquer especulação que queira. Ao contrário, precisamente porque carecemos de métodos empíricos ou matemáticos estabelecidos para investigar problemas filosóficos, temos que ser todos muito rigorosos e precisos em nossas análises filosóficas.

Poderia parecer, do que eu disse, que eventualmente a filosofia deixará de existir como uma disciplina, assim que encontremos um modo científico sistemático de responder todas as questões filosóficas. Esse tem sido o sonho dos filósofos, eu acredito, desde o tempo da Grécia antiga; mas, de fato, nós não tivemos muito sucesso em livrar-nos da filosofia pela solução de todos os problemas filosóficos. Uma geração atrás, acreditou-se amplamente que tínhamos descoberto métodos sistemáticos para resolver questões filosóficas, através dos esforços de Wittgenstein, Austin e outros “filósofos linguísticos”. E pareceu, a alguns filósofos, que poderíamos conseguir resolver todas as questões em questão de poucas vidas. Austin, por exemplo, acreditou que havia cerca de mil questões filosóficas abandonadas, e que, com pesquisa sistemática, poderíamos ser capazes de responder todas elas. Não penso que alguém acredite nisso hoje. Apenas um pequeno número dos problemas filosóficos que nos deixaram os séculos anteriores, desde as origens com os filósofos gregos, foram suscetíveis de soluções científicas, matemáticas e linguísticas. A questão sobre a natureza da vida, eu acredito, foi finalmente resolvida, e não é mais uma questão filosófica. Espero que algo semelhante acontecerá no século vinte e um com o assim chamado problema mente-corpo. Entretanto, um número muito grande de outras questões deixadas a nós pelos antigos gregos, tais como “Qual é a natureza da justiça?”, “O que é uma boa sociedade?”, “Qual é o devido propósito e objetivo da vida humana?”, “Qual é a natureza da linguagem e do significado?”, “Qual é a natureza da verdade?”, ainda estão conosco firmes como questões filosóficas. Eu estimaria que cerca de noventa por cento dos problemas filosóficos deixados a nós pelos Gregos ainda estão conosco, e que ainda não encontramos um modo científico, matemático ou linguístico de respondê-los. Além do mais, novos problemas filosóficos estão constantemente sendo lançados, e áreas totalmente novas da filosofia sendo inventadas. Os gregos possivelmente não tiveram o tipo de problema filosófico que nós estamos tendo para obter uma interpretação filosófica correta dos resultados da mecânica quântica, do teorema de Gödel ou dos paradoxos da teoria dos conjuntos. Nem tiveram eles assuntos tais como a filosofia da linguagem e da mente, assim como nós os pensamos. Parece que, mesmo no final do século vinte e um, nós teremos deixado ainda um número muito grande de problemas filosóficos.